

A CERTEZA ANTECIPADA COMO DEMONSTRAÇÃO LÓGICA DO FINAL DA ANÁLISE*

Jeferson Machado Pinto**
Universidade Federal de Minas Gerais

RESUMO - Uma psicanálise não se desenvolve como um processo contínuo em direção à verdade. A repetição mostra a presença de um traço que permite ao analisando reconhecer-se na diferença. Entretanto, ocorre uma exclusão do sujeito em sua tentativa de fazer um todo que o identifique. Através da posição do analista, cabe ao analisando fazer um cálculo que o retire do paradoxo e o encaminhe ao desejo. Assim, somente a partir deste momento de término de análise, quando surge um sujeito desejante, é que se pode demonstrar a operatividade própria do discurso psicanalítico.

THE ASSERTION OF CERTAINTY AS A LOGICAL DEMONSTRATION OF THE END OF ANALYSIS

ABSTRACT - A psychoanalysis does not develop as a continuous process toward the truth. Repetition manifests a trace that allows the analysee to recognize him/herself in the difference. However, there is an exclusion of the subject in his/her constant trial to construct an identifying whole. Through the analyst's position, the analysee performs a reckoning that removes him/herself from this paradox and guides him/ herself toward desire. Thus, only from this moment at which analysis comes to an end and a desiring subject emerges, can one demonstrate the operativity proper to psychoanalytical discourse.

O discurso psicanalítico

A ciência tem sua maneira de avançar. Encaminha-se continuamente para uma ausência, mas aponta para um lugar ao qual nos animamos a aproximar. O discurso que organiza suas interrogações sobre o real supõe que a natureza responde em significantes matemáticos. Assim, o saber acumulativo resultante, é efeito do discurso articulado para produzi-lo. No caso da ciência, existem critérios de prova para uma

O presente artigo escrito, numa linguagem lakianiana, supõe um público especializado neste tipo de abordagem.

** Endereço: Rua Levindo Lopes, 333, sala 410-30140, Belo Horizonte, MG.

definição sobre a verdade dos dados obtidos. A comunidade científica exige, por exemplo, que outros cientistas verifiquem, através de replicações sistemáticas, se as construções teóricas são pertinentes para aquelas interrogações. Continuamente, elas são submetidas à prova, testadas e relatadas para a obtenção de procedimentos padronizados de utilização dos resultados.

Freud era um cientista habituado àqueles critérios de verificação e dedicou grande parte de seu esforço intelectual na tentativa de justificar a validade do discurso psicanalítico. Não raramente, tentava argumentar sobre a universalidade de certos símbolos e fantasias encontrados em sua clínica. Entretanto, a argumentação maior, em suas descrições clínicas, era a de que efeitos de significação eram respostas válidas do real. Suas interpretações atestavam, através da mediação do sentido, a possibilidade de se pensar sobre um real de gozo. E descrevia efeitos clínicos próprios quando este real era interrogado a partir de outra perspectiva (Miller, 1988).

Em um momento inicial, Freud supôs que bastava a mudança de métodos e o abandono de uma teoria médica, para que fosse possível dar um outro tratamento à questão da histeria. Entretanto, a hipnose teve de ser superada, pois se tratava ainda de promover as interrogações a partir de uma mesma postura. E, na mesma época, demonstrava suas preocupações com o "poder mágico das palavras", com a necessidade de ir além dos efeitos de sentido, com o fim de obter uma efetiva mudança na posição do sujeito em relação ao sintoma. Fundava a Psicanálise, na medida em que constata a presença de um "umbigo" nas interpretações e, redefinia o papel do analista, enquanto teorizava sobre a natureza do objeto.

Da mestria do analista à mestria do objeto causa do desejo

É possível, por exemplo, discutir o papel do analista a partir do texto sobre Psicologia das Massas, escrito por Freud já em 1921. Neste texto, Freud vai tentar especificar o papel do líder na constituição do grupo. Sua discussão sobre o papel dos laços libidinais que unem os indivíduos entre si, devido à presença de um líder que ama a todos igualmente, permite-nos localizar, ainda, os efeitos do percurso no analisando. Diz Freud, que é exatamente a ficção da presença do amor do líder que mantém a existência do grupo e, conseqüentemente, a alienação neste amor que civiliza, por manter as fantasias de satisfação amorosa. Se fosse essa a função da análise, manteríamos-nos no terreno da compreensão, da troca de signos mediada pelo *Outro* e na identificação cristalizada da relação transferência-contratransferência. A novidade, a meu ver, é que Freud passa a discutir, em seguida, o medo pânico que ocorre devido ao rompimento dos laços com o líder. O grupo se extingue na *explosão gozosa* mas, os indivíduos não se singularizam neste puro gozo porque falta ali algo que articule suas identidades. Assim, é, no mínimo, paradoxal a posição do analista: se se mantém ocupando um lugar de líder, surge a persuasão, a hipnose e a alienação do analisando nas palavras dele. Se se recusa a ocupar um lugar, simplesmente rompendo os laços, e deixando seu lugar vazio, produz apenas o pânico. Contudo, em sua argumentação, Freud vai dizer que há sempre um terceiro elemento que cataliza a morte do sujeito que advém de qualquer uma destas duas possibilidades. Isto nos in-

dica que o analista deve estar ali, como *semblante* de um objeto, promovendo a constante instalação do discurso analítico, da mesma forma que uma idéia ou um desejo passa a ser o centro regulador que poderia definir um grupo sem líder. Os atos analíticos se sucedem até que o analisando encontre a impossibilidade simbólica de sua definição como sujeito. Qualquer definição, logo será vista como insuficiente, porque ao reunir um conjunto de predicados, sempre permanecerão alguns de fora desta totalização.

Na verdade, supor a operatividade de um vazio, impossível de ser significado, é uma necessidade lógica do discurso analítico. As análises demonstram a impotência do significante em apreender a verdade que governa o sujeito. O sentido é sempre deslocado na relação de um significante a outro e, como são sempre necessários pelo menos dois significantes, há uma impossibilidade de enunciar completamente a verdade. Lacan (Seminário 9, VI, p. 23) afirma que o "desconhecimento é exatamente a relação mais radical do sujeito à letra". Vale a pena lembrar que ele define a *letra* como a inscrição corpórea do gozo, o suporte material do significante. Este é um conceito necessário ao discurso porque se refere a um ponto, em torno do qual, o analisando está em constante debate, e que lhe é inacessível por ser gozo. Assim, o sujeito se constitui e é falado pelo *Outro*, mas a verdade do seu gozo não se situa neste registro. O sujeito responde como gozo e não como significante, o que obriga à formulação lógica de que o *Outro* é sustentado pela letra.

Diante desta divisão, o analisando espera que a experiência do analista e seu conhecimento dos tipos de sintomas e conjuntos de soluções obtidas com outros clientes, sejam suficientes para definir sua relação com o gozo. Ele ainda não sabe de sua singularidade, e o que o analista pode fazer é operar a partir de uma construção inicial a respeito da inscrição da letra no corpo. Fazer esta construção é uma exigência para o analista. Ela possibilitará a decisão de prosseguir a análise porque o analista passa a contar com este ponto de ancoragem no corpo. Será a letra que sustentará a possibilidade do analista de se retirar como líder, ou como encarnação do *Outro*, e levar o analisando a se confrontar com a sua marca, da qual nada sabe.

Através de sucessivas *reviravoltas dialéticas* (Lacan, 1986) o analista retira-se, então, como sujeito e precipita o vazio para que o analisando se singularize. No percurso da análise, o analisando buscará atributos que sempre supõe serem suficientes para a designação da letra que o distingue. Culpa ao analista pela sua dificuldade em apreender uma significação estável dos significantes. Mas, o que a análise vai revelando é uma opacidade do ser - uma falta-a-ser - e o fracasso da mediação do sentido, um sentido sempre perseguido como se a verdade se constituísse ali onde está apenas refletida. A castração resultante é a perda da essência, vivida como um fantasma garantidor de estabilidade pelo gozo fálico.

Assim, a lista de atributos buscada pelo sujeito não define a essência que esperava encontrar. O esforço do analisando é dirigido para que o analista a encontre como uma substância, ou como um enigma a ser decifrado hermeneuticamente. Mas, o que há é uma descontinuidade na seqüência de dedução que o analisando promove a partir dos seus atributos. A análise demonstra que há a presença daquele vazio, um

ponto onde o *Outro* falha. Este ponto exige uma decisão, uma criação que transforme o analisando em um sujeito de desejo a operar, de modo próprio, a partir deste real.

A certeza antecipada e a lógica necessária

Freud teve, então, que recorrer, necessariamente, a uma lógica do *a posteriori* para dar conta do real do gozo que suas interpretações faziam surgir. E, ainda teve a tarefa ingrata que nos legou, que é a de demonstrar que a existência do psicanalista não é uma prova suficiente para a demonstração lógica do inconsciente. Tem-se que fazer-se operativamente de analista para demonstrá-lo, porque a análise não começa pela certeza. A rigor, só se pode dizer que houve análise após seu término, quando uma certeza é antecipada diante da descontinuidade; em outros termos, quando o analisando se apropria do ato analítico. O ato é o que vai criar, o que decide diante da indeterminação, fazendo-se assim, uma marca de certeza sem a garantia do gozo fálico. E, apenas neste momento, o analisando adquirirá o saber sobre os motivos que o levaram à análise. Ficará demonstrado, então, um sujeito que surge como efeito do discurso analítico, não como uma essência, mas como operador da dialética do saber e do gozo, do significante e da letra que o sustenta.

REFERÊNCIAS

- Freud, S. (1976). Psicologia de Grupo e Análise do Eu. Em *Edição standard das obras psicológicas completas de S. Freud*. (Vol. XVI). Rio de Janeiro: Imago.
- Lacan, J. (1986). Intervención sobre la Transferencia. Em *Escritos*. México: Siglo Veintiuno Editores S.A.
- Lacan, J. (sd.). La Identificación. Seminário 9: texto ainda não estabelecido.
- Miller, J. A. (1988). *Maternas li*. Buenos Aires: Ediciones Manantial SRL Ltda.

Artigo recebido em 31/01/90.